



JOSE CARLOS CARVALHO

O operacional

Do Haiti à Coreia do Norte, Carlos Veloso anda há mais de 20 anos a acompanhar conflitos e catástrofes

POR ISABEL NERY

Há quem marque no mapa as viagens de estimação. Carlos Veloso poderia assinalar os territórios onde matou a fome a milhares de pessoas. Responsável pela Unidade de Preparação e Resposta de Emergência do Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas (PAM), passou pelos piores momentos de países como Angola, Somália, Sudão, Iraque, Moçambique ou Coreia do Norte.

Dar prioridade à fome e ao frio dos outros implica, muitas vezes, sacrifícios. Carlos Veloso, 57 anos, fala deles como se não o fossem. Em Mogadíscio, Somália, fazia turnos para ter vez na única cama disponível. No Haiti, o direito ao banho só veio um mês após o terramoto de Janeiro, quando chegaram as tendas com chuveiros. Com o Iraque, depois de sobreviver a um atentado, foi o pedido de casamento que se tornou urgen-

te. Naquele dia, em Bagdade, também a companheira, igualmente funcionária da ONU, escapou a um final infeliz. Além da sobrevivência, ganhou um marido.

O casamento foi decidido na caixa de um supermercado. «Um hino à vida», justifica. As velas já faziam parte da lista – hábito de quem aprendeu a não se deixar surpreender por uma falha de electricidade em cenários de guerra –, o champanhe tinha a desculpa dos amigos para jantar. E o pedido foi aceite.

Se a missão de Carlos Veloso é levar comida aos que não a têm, momentos houve em que se alimentou a café. Foi assim no Haiti, depois do sismo. «Dormimos ao

⚡ No terreno, 1200 organizações são um empecilho'

CARLOS VELOSO O português ficou ferido no atentado que matou Sérgio Vieira de Melo, mas continua a preferir o desassossego das missões humanitárias aos escritórios de Roma

relento, em cima da relva, durante uma semana. Reunimo-nos com o primeiro-ministro haitiano debaixo das árvores, à luz de lanternas, e só comíamos uma refeição por dia», recordou em entrevista à VISÃO, durante uma curta visita a Lisboa, em que participou num debate sobre trauma, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

DEMAIS TAMBÉM DESAJUDA

Sabia-se onde estava a comida e onde estava a fome, mas ninguém sabia como juntar as duas, conta o português, nascido em Moçambique: «Descobrimos um armazém com seis toneladas de arroz. O problema era como distribuí-lo.»

A destruição de infra-estruturas revelou-se desastrosa para as equipas humanitárias. Por terra, não havia estradas. Por ar, faltava onde aterrar. Por mar, os portos tinham sido destruídos. «A comunidade internacional estava a ajudar, mas dez dias depois não havia nada para comer. Foi tempo demais.»

Apesar dos esforços e das muitas vontades, o impacto da tragédia na opinião pública tornou-se difícil de gerir. Em parte, por ignorância: «Estive dez minutos à espera de aterrar, porque eram tantos os voos que faltava espaço. O pouco que havia estava destruído. Mas não se atira comida de helicópteros em qualquer lado. Até pode matar as pessoas.»

Catástrofes como a do Haiti, que causou a morte a 220 mil pessoas, precisam de estrutura. Muito para além da boa-vontade: «Chegámos a ter 1 200 organizações no terreno. Deixou de ser uma ajuda para se tornar um empecilho. Muitos voluntários eram amadores. Tínhamos de desviar recursos para os apoiar.»

Economista de formação, Carlos Veloso aprendeu há muito que não basta ser solidário para ajudar. Perceber o que falta no terreno é uma das suas tarefas. «Há que negociar e nem me importo de pagar mais 15%, porque sei que estas situações inflacionam os preços. A conta não pode ser económica. Mas também já me recusei a comprar, quando me pediram o dobro do real valor.»

Quem, como Carlos Veloso, tem no currículo mais de duas décadas de catástro-

Números catastróficos

Três meses depois do terremoto no Haiti, a UNICEF fez um balanço da situação. Os números do horror:

220 mil mortos

300 mil feridos

4 mil amputados

3 milhões de pessoas afectadas (1,5 milhões são crianças)

1,3 milhões a viver em abrigos temporários

400 acampamentos na zona de Port-au-Prince

600 mil deslocados (300 mil são crianças)



EDUARDO MUNIZ/REUTERS

HAITI Carlos Veloso viveu em tendas, tal como mais de um milhão de haitianos

fes humanitárias lida com elas de forma profissional – a única, sublinha, de prestar um apoio real. «Quando distribuímos comida, tentamos que as filas sejam organizadas por mulheres. Os homens criam conflitos e são menos fiáveis.»

O funcionário das Nações Unidas admite que o Haiti foi uma experiência dura, mas prefere enfatizar a utilidade do regresso ao terreno, depois de três anos nos escritórios de Roma, a sede do Programa Alimentar Mundial. A capital

italiana tornou-se passagem obrigatória, a seguir ao Sudão e ao atentado de Bagdade que matou o brasileiro Sérgio Vieira de Melo, então responsável máximo da ONU no Iraque.

No momento da explosão, a alguns metros do homem cuja vida inspirou o filme *Sérgio*, Carlos Veloso lembra-se do estrondo e do caos. De resto, teve pouco tempo para contemplações. Cosido num hospital de campanha, por um soldado inexperiente, só seis meses depois des-

cobriu que ainda tinha vidros no braço.

Nunca mais voltou a sentar-se perto de grandes janelas sem sobressalto. Nada que o impeça de continuar a preferir o desassossego. O português que se orgulha de ser um «operacional» já só espera que «o conforto de Roma acabe depressa». Pelo menos para os próximos dois meses, as suas preces foram ouvidas: acaba de ser enviado para o Níger, onde a seca extrema está a provocar uma nova crise humanitária.